

Ânforas romanas republicanas de um depósito de Mértola no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia ¹

Carlos Fabião *

Resumo

Apresenta-se um conjunto de ânforas romanas republicanas das Classes 5 (Dressel 1-C) e 8 (variante Lamboglia 2) que se encontram depositadas no M.N.A.E., presumivelmente correspondentes aos materiais de um depósito posto a descoberto ocasionalmente, na margem esquerda do Guadiana, em frente a Mértola, no princípio do século e escavado em 1904 por Bernardo de Sá, condutor de obras públicas ao serviço do Museu.

Pelas vicissitudes a que esteve sujeita esta instituição, ao longo de uma conturbada existência de quase um século, perderam-se por completo as referências ao local de achado dos materiais apresentados, excepto em dois casos, MNAE 1788 e 1852, inquestionavelmente provenientes de Mértola. As restantes peças, todas sem indicação de proveniência, com fortes probabilidades correspondem às recolhas de Bernardo de Sá, visto constituírem os únicos exemplares inteiros, embora com reconstituições, destas Classes de ânforas que se encontram depositadas no Museu e, também, por denotarem, em alguns casos, evidentes semelhanças com os publicados no relatório de 1905.

¹ Ao Sr. Dr. Francisco Alves, director do M.N.A.E., agradeço todas as facilidades concedidas para a concretização do estudo destes materiais. Agradecimentos particulares são devidos também à Sr.^a Dr.^a Ana Isabel Santos, técnica superior do Museu, à Sr.^a D. Margarida Cunha, funcionária da secção de Inventário e à Sr.^a D. Helena Figueiredo, desenhadora ao serviço do M.N.A.E., pela forma competente, generosa e interessada com que acompanharam todo este trabalho; à última devo, ainda, a cedência dos desenhos a lápis, em escala 1:1, de todos os materiais publicados. Por fim, mas não no fim, uma palavra de gratidão para o Sr. Dr. António Faria, pelos preciosos esclarecimentos sobre a cronologia das emissões monetárias de *Myrtilis* e à Sr.^a Architecta Pilar Costas pela atinagem dos desenhos.

* Assistente da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Investigador da UNIARCH. Av. de Berna, 24, 1000 Lisboa.

A importância que se atribui no presente texto a este depósito, reside no facto de constituir uma das poucas provas arqueológicas, actualmente conhecidas, da importante presença romana, em período tardo-republicano, na cidade de *Myrtilis*, onde no ano de 83 ou 82 a.C. se cunhou moeda e foi elevada à categoria de Município presumivelmente por Júlio César.

Abstract

The author presents a group of roman republican amphorae, belonging to Classes 5 (Dressel 1-C) and 8 (var. Lamboglia 2), from the Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, of Lisbon, presumably the amphorae found by accident in the left bank of Guadiana, across Mértola, in the early twentieth century and excavated by Bernardo de Sá, an employee of the Museum in 1904.

Due to the difficulties that the Museum faced in an almost centenary troubled history, it is uncertain if such amphorae are the artifacts from Mértola, except in two cases: MNAE 1788 and 1852. The remaining amphorae, which have no assigned origin, have strong possibilities of being the materials found by Bernardo de Sá, because they are the only complete amphorae of the referred Classes in M.N.A.E. and by the similarities with those published in the 1905 report.

The amphorae, here reported, belong to a rather scarce group of archaeological findings, presently known, to be concerned with the important roman late republican period occupation of the city of Myrtilis, which coined in 83 or 82 b.C. and was a Municipium probably under Julius Caesar.

1. Introdução

No dia 16 de Junho de 1904, o director do Museu Etnológico Português (actual Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia), J. Leite de Vasconcelos, foi alertado pela notícia, publicada num jornal diário da capital, do achado ocasional, no decurso de obras públicas, de um depósito de ânforas romanas, na margem esquerda do Guadiana, em frente de Mértola.



Com uma celeridade e eficácia notáveis — que ainda hoje gostaríamos se verificasse nas múltiplas situações de que há conhecimento, de norte a sul do País — Leite de Vasconcelos conseguiu suspender a obra, com o intuito de realizar uma intervenção de emergência que permitisse averiguar a natureza do novo sítio arqueológico identificado ². Assim, no dia seguinte, Bernardo

² VASCONCELOS, J. L. — *Explorações Archeologicas em Mertola*. "O Archeologo Português", 10, 1905, p. 95.

António de Sá, condutor de obras públicas ao serviço do Museu, partiu para o Baixo Alentejo onde efectuou a desejada escavação, tendo publicado, no ano imediato, um relatório sucinto onde deu conta dos trabalhos realizados³.

Deste modo, promovendo-se uma escavação de emergência e trazendo para o bom recato de um museu os materiais nela encontrados, foi recuperada e legada à posteridade uma importante notícia para a história da antiga cidade de *Myrtilis* que, sem esta intervenção, se perderia ou ficaria registada, apenas, como mais um local com vestígios arqueológicos, ou, pior ainda, poderia suscitar interpretações erróneas — que, apesar de tudo isto, não deixaram de surgir, como adiante se verá.

2. O depósito de Mértola

O sítio arqueológico onde Bernardo de Sá fez a intervenção de emergência situava-se na margem esquerda do Guadiana, na zona de Além Rio, fronteiro à povoação de Mértola, perto do fontanário público ali existente (fig. 1). A zona escavada circunscreveu-se a uma pequena área de $6,5 \times 5$ m dividida em dois recintos por uma parede de alvenaria de xisto. O limite Este era constituído por uma outra parede de idêntica estrutura e o Oeste pela rocha da base afeiçoada⁴.

Não resulta fácil tentar compreender, a partir da descrição publicada, a função dos dois espaços escavados (fig. 2). O recinto Este, mais próximo do rio, seria um “corredor” de planta triangular, delimitado pelas duas paredes — com 0,90 e 1 m, respectivamente — apresentando uma largura máxima de 1,30 m, na extremidade Norte, e somente 0,20 m, na extremidade Sul, não sendo de excluir a hipótese de as duas paredes se unirem para lá da zona escavada — isto, naturalmente, se admitirmos que são contemporâneas... Neste “corredor” encontraram-se apenas duas ânforas⁵. O outro recinto, de planta rectangular irregular, com 3,30 m na zona de maior largura, encontrava-se preenchido por várias ânforas fragmentadas, ou quase intactas, presumivelmente num total de trinta, particularmente concentradas na metade Norte⁶. Neste espaço, as peças assentavam sobre um conjunto de lages de xisto e estavam cobertas por uma camada de blocos de idêntica rocha, não sendo perceptível, no texto de Bernardo de Sá, se tal situação se devia a uma deposição intencional ou ao produto de um desmoronamento de qualquer estrutura ali existente — embora o autor pareça preferir a primeira

³ SÁ, B. A. — *Ibid.* (o relatório da intervenção constitui a segunda parte, sem título específico, do artigo citado na nota 2).

⁴ ID. — *op. cit.*, p. 96-8 e fig. 1 (v. nota 3).

⁵ ID. — *Ibid.*, p. 98.

⁶ ID. — *Ibid.*, p. 99.

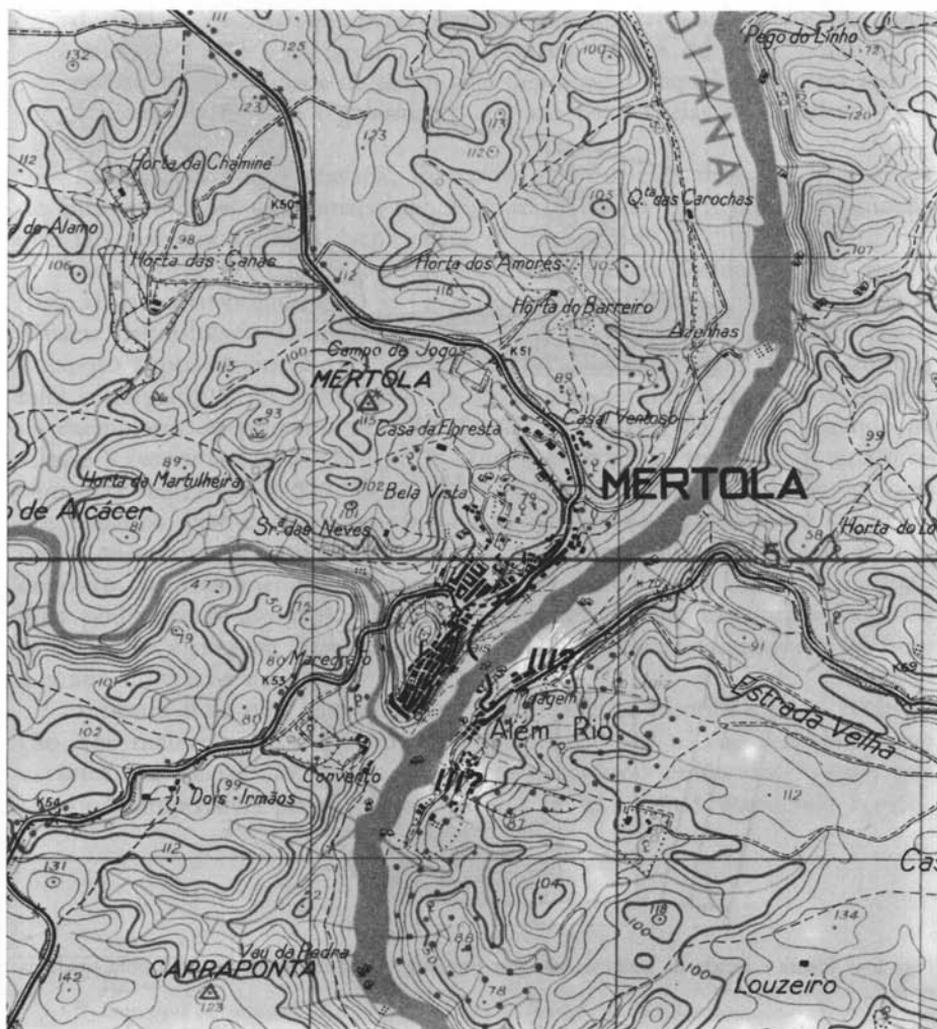


Fig. 1 — Prováveis localizações do depósito de Mértola. Pelas indicações fornecidas por Bernardo de Sá não é possível saber se o referido fontanário público é o implantado em frente ao *Convento* ou, o outro, a nordeste, no sítio de *Fonte do Juiz* (extracto da Carta Militar de Portugal 1:25 000, folha n.º 558, Serviços Cartográficos do Exército, 1951).

hipótese ⁷. Refere, ainda, a existência de um pavimento de *opus signinum* a cobrir toda a área do depósito, mas que já teria encontrado destruído... Naturalmente, nada prova a existência de uma relação directa entre as duas realidades, podendo somente dizer-se, como é óbvio, que o pavimento é posterior à constituição do depósito.

⁷ *Id.* — *Ibid.*

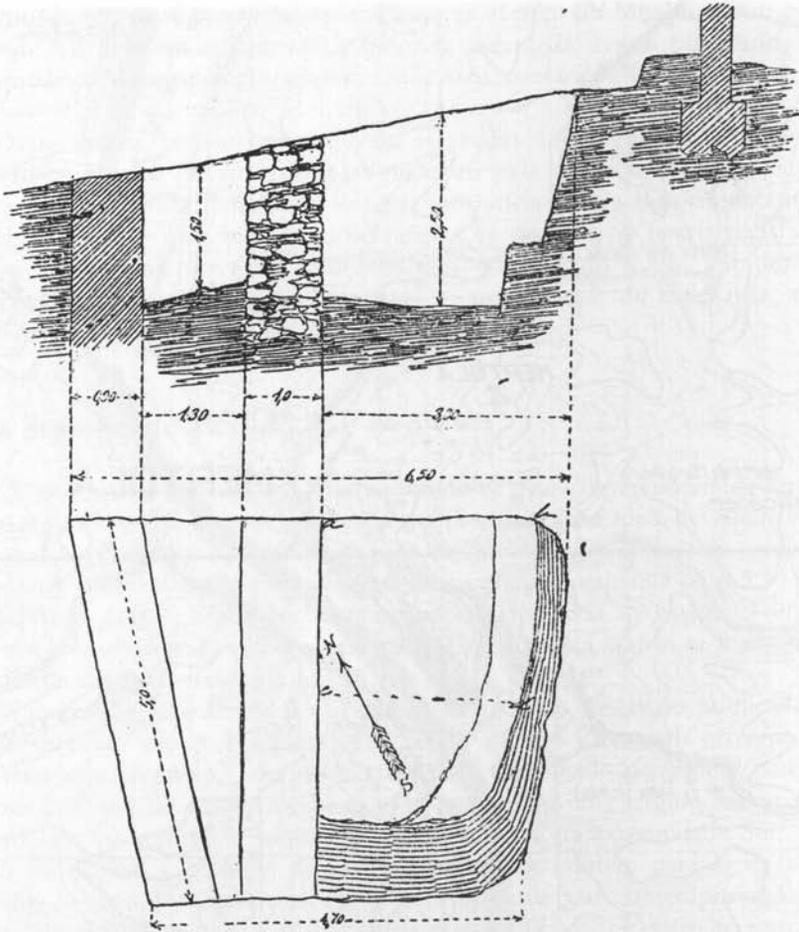


Fig. 2 — Planta e alçado da área escavada por Bernardo de Sá em 1904, fig. 1 da obra citada na nota 2.

Pela descrição, do condutor de obras públicas ao serviço do Museu, duas hipóteses de interpretação funcional deste depósito se afiguram mais plausíveis:

a — Atendendo a que “As amphoras pareciam muitas d’ellas ser novas; na sua maioria estavam quebradas, o que foi sobretudo devido ao assentamento e pressão das terras”⁸, pode admitir-se uma situação de armazenagem, em contexto portuário, para estes contentores;

b — Considerando outros aspectos da descrição, tais como: o facto das ânforas se encontrarem dispostas em camadas alternadas por fiadas

⁸ *Ibid.*

de pedra “(...) o que parece indicar que o atêrro tinha sido feito com cuidado (...)”, ou ainda, o de estarem cheias de lôdo⁹; não é de excluir a possibilidade de terem sido depositadas naquele local para aterrar e drenar uma zona regularmente afectada pelas cheias do Guadiana¹⁰.

Em toda a zona escavada, Bernardo de Sá apenas detectou fragmentos de ânforas e ossos de animais, não logrando recolher “(...) nenhuma moeda que lançasse luz sobre a data precisa d’esta estação”¹¹.

As ânforas pertenciam a “(...) dois typos bem distintos: um esguio (fig. 3); o outro bojudo (fig. 4) (...) de ambos estes typos eu trouxe para o Museu Ethnologico exemplares fracturados, que porém se recompuseram: dois, do typo esguio, e tres do typo bojudo; apenas a um d’estes ultimos falta o gargalo”¹². A publicação das fotografias permite facilmente enquadrar os exemplares do primeiro tipo na Classe 5 (Dressel 1-C), os do segundo na Classe 8 (variante Lamboglia 2)¹³ e, conseqüentemente, atribuir-lhes uma proveniência itálica, afastando, deste modo, qualquer hipótese de produção local dos mesmos; bem como, enquadrar no período tardo-republicano o seu fabrico — visto que já resulta mais arriscado propor idêntica cronologia para o depósito, principalmente se corresponder, de facto, a um aterro intencional, pois pode existir um lapso de tempo, presumivelmente não muito longo, é certo, entre a chegada destas ânforas, com os respectivos conteúdos, a Mértola e a sua utilização na obra.

Embora hoje não haja qualquer dificuldade na identificação e classificação dos materiais do depósito, na época, quer por não se reconhecer um carácter “universal” às tabelas de formas de ânforas publicadas¹⁴; quer por ser ainda impossível propor uma datação para as mesmas, atendendo exclusi-

⁹ *Id.* — *Ibid.*

¹⁰ Este tipo de solução de engenharia é conhecido no Mundo Romano, designadamente na própria cidade de Roma, onde o célebre depósito de *Castro Pretorio* parece ter conhecido idêntica finalidade, v. DRESSEL, H. — *Di un Grande Deposito di Anfore nel Nuovo Quartiere del Castro Pretorio*. “*Bulletino Comunale*”, 8, 1879, in *Saggi sull’Instrumentum Romano*. Perugia, EUCCOOP, 1978, p. 258-334. (Reprints di *Archeologia e Storia Antica*, n.º 2).

¹¹ Sá — *op. cit.* (v. nota 3), p. 99.

¹² *Id.* — *Ibid.*

¹³ Para a classificação das ânforas utilizo a recente tipologia proposta por PEACOCK, D. P. S. e WILLIAMS, D. F. — *Amphorae and the Roman Economy - an Introductory Guide*. London/New York, Longman, 1986, mantendo, no entanto, entre parêntesis, as respectivas correspondências nas tipologias tradicionais mais generalizadas.

¹⁴ As primeiras tabelas de formas de ânforas publicadas devem-se a SCHOENE, R. — CIL IV, 1871, Pl. I - III e DRESSEL — *op. cit.* (v. nota 10) — a célebre Tabela do CIL XV (2) só foi publicada em 1909 — e apresentam os materiais de Pompeia e *Castro Pretorio*, Roma, respectivamente. O objecto de estudo, destes autores, não era as ânforas em si, mas as inscrições pintadas (*tituli picti*) que as mesmas ostentavam. Por isso, as tabelas mais não eram que ilustrações destinadas a fornecer uma ideia — esquemática e aproximada, no primeiro caso, mais precisa, no segundo — da aparência dos suportes materiais das inscrições. É, portanto, natural

vamente aos seus atributos intrínsecos; quer, ainda, por haver um desconhecimento quase total dos seus centros produtores, J. Leite de Vasconcelos absteve-se de propor uma cronologia para os materiais de Mértola. Porém, pelas características da jazida, sugeriu, como seus eventuais paralelos, o depósito, associado a um forno, de S. Bartolomeu de Castro Marim, que escavara alguns anos antes¹⁵ e os depósitos, igualmente associados a centros produtores, identificados por Bonsor no vale do Guadalquivir¹⁶.

As ânforas do depósito de Mértola não caíram no esquecimento, embora apenas tivessem sido apresentadas nas breves notas de Leite de Vasconcelos e Bernardo de Sá. Foram, posteriormente, citadas por Virgílio Correia, embora associadas a outras realidades do actual território português com as quais não possuíam qualquer relação¹⁷; estiveram expostas no Museu Etnológico Português¹⁸; não faltou, inclusivamente, quem sugerisse que elas documentavam uma produção local¹⁹ e, embora tivessem passado despercebidas a M. Beltran Lloris²⁰, foram recentemente de novo referidas e, pela primeira vez, correctamente identificadas como um vestígio das exportações itálicas do período tardo-republicano, para o sul da Península Ibérica²¹. No entanto, quer por nunca terem sido objecto de publicação efectiva, quer por documentarem uma época importante, mas ainda mal conhecida, da existência da antiga cidade de *Iulia Myrtilis*, julgo que se impunha dar melhor conhecimento destes materiais.

que não se lhes atribuisse, na época, a importância que posteriormente vieram a adquirir. Assinale-se, ainda, que não seria fácil, para Leite de Vasconcelos, enquadrar os materiais de Mértola nas formas já publicadas, já que as ânforas da Classe 8 (var. Lamb. 2) só foram identificadas nos meados da década de 50, não figurando em nenhuma das tabelas citadas; e a ânfora da forma 1 de Dressel (forma 8 na tabela de 1879) corresponde, de facto, à variante 1-B, da posterior subdivisão de LAMBOGLIA, N. — *Sulla Cronologia delle Anfore Romane di Età Repubblicane (II - I Secolo a.C.)*. "Rivista di Studi Liguri", 22, 1955, p. 241-270.

¹⁵ VASCONCELOS, J. L. — *Olaria Luso-Romana em S. Bartolomeu de Castro Marim*. "O Archeólogo Português", 4, 1898, p. 329-336.

¹⁶ ID. — *op. cit.* p. 96 (v. nota 2).

¹⁷ CORREIA, V. — *O Domínio Romano*, in: PERES, D. (dir.) *História de Portugal*, vol. I, Barcelos, Portucalense Ed., 1928, p. 217-290. O autor refere o achado de concentrações de ânforas em S. Bartolomeu de Castro Marim, Mértola e na zona de Alcácer do Sal. Estas concentrações têm como único traço comum o facto de serem conjuntos de ânforas, visto que o primeiro e terceiros correspondem a prováveis áreas de despejos de centros produtores do período imperial e o segundo a um conjunto de materiais importados, do período republicano.

¹⁸ MACHADO, J. C. S. — *Subsídios para a História do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos*. "O Archeólogo Português", nova série, 5, 1965, p. 304 e fig. 9.

¹⁹ ALVES, C. F. D. — *Aspectos da Arqueologia de Myrtilis*. "Arquivo de Beja", 13, 1956, p. 21-104, particularmente a p. 62.

²⁰ BELTRAN LLORIS, M. — *Las Anforas Romanas de España*. Zaragoza, 1970. Neste trabalho, o autor pretendeu apresentar o levantamento integral das ânforas romanas recolhidas na Península Ibérica, porém, não faz qualquer referência aos materiais de Mértola...

²¹ CHARLIN, G., et al. — *L'Épave Antique de la Baie de Cavalière (Le Lavandou, Var)*. "Archeonautica", 2, 1978, p. 9-93, particularmente a nota 151 da p. 93.

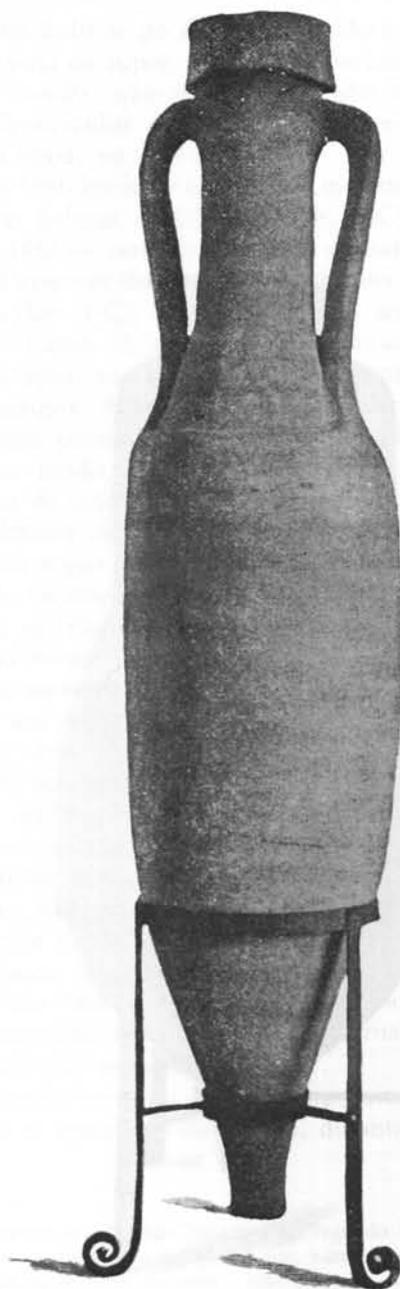


Fig. 3 — Ânfora da Classe 5 (Dressel 1-C) publicada por Bernardo de Sá, fig. 2 da obra citada na nota 2.



Fig. 4 — Ânfora da Classe 8 (var. Lamboglia 2) publicada por Bernardo de Sá, fig. 3 da obra citada na nota 2.

3. As ânforas de Mértola no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

O estudo das ânforas do depósito de Mértola revelou-se, ao contrário do que *a priori* seria de supor, uma tarefa bastante complexa e, pelas razões que adiante se verão, não posso de modo algum considerar inquestionavelmente identificados os materiais trazidos para o Museu Etnológico Português, em Lisboa, no ano de 1904.

Quando em 1986 iniciei o estudo dos materiais deste depósito, constatei só existirem duas ânforas da Classe 5 (Dr. 1-C) — os exemplares MNAE 1788 e MNAE 1852 — com proveniência atribuída a Mértola. No entanto, pesquisando nas reservas do Museu, identifiquei um total de doze ânforas, seis da Classe 5 (Dr. 1-C), incluindo as duas acima citadas, e outras tantas da Classe 8 (var. Lamb. 2), apresentando todas características idênticas: bom estado de conservação, semelhante desgaste nas paredes externas e extremidades, restauros antigos. Acrescente-se que, à excepção dos dois exemplares referidos, nenhuma possui qualquer indicação sobre o local e circunstâncias de recolha. Deste modo, encontrei-me perante a insólita situação de, tendo partido em busca de cinco ânforas, ter identificado apenas duas e localizado dez, presumivelmente de idêntica proveniência... Para tentar esclarecer a situação, procurei seguir todo o percurso destes materiais, desde a recolha, na sequência das escavações de 1904, até à sua entrada no Museu.

Como atrás se referiu, Bernardo de Sá presumia existirem no depósito de Mértola, pelo menos, trinta exemplares de ânforas, dos quais, num primeiro momento, somente conseguiu trazer para Lisboa cinco, não deixando de assinalar no seu relatório:

“Não pude obter para o Museu Ethnologico nenhum dos exemplares ornamentados²², pois que o Sr. Presidente Antonio da Silva Fernandes os havia destinado ao Museu de Beja — onde segundo sei ainda todavia não deram entrada —; os outros exemplares reserva-os o mesmo Sr. para um problematico Museu que elle projectava fundar em Mértola”²³.

O sarcasmo patente no texto do funcionário ao serviço do Museu reflecte claramente a tendência centralizadora que aquela instituição vinha assumindo na época, perante os materiais arqueológicos recolhidos nos mais diversos pontos do País. Por muito que hoje nos desagrade essa tendência, há que reconhecer que, no caso vertente, Bernardo de Sá tinha razão para rezear pelo futuro das restantes ânforas...

Destas primeiras recolhas, deu notícia Leite de Vasconcelos, em 1905, registando entre as aquisições do Museu, durante o mês de Agosto de 1904:

²² Estas “ornamentações” eram constituídas, segundo Bernardo de Sá, por simples sulcos paralelos, marcados no corpo das ânforas o que, naturalmente, não corresponde a uma ornamentação na verdadeira acepção do termo, mas somente ao resultado do acabamento final das peças, eventualmente mais visível numas que noutras. Os sulcos marcados na parede exterior do exemplar MNAE 1852 devem corresponder a uma dessas “ornamentações”.

²³ SA — *op. cit.*, p. 100 (v. nota 3).

“tres amphoras romanas quasi inteiras, mas reconstituiveis, e grandes fragmentos de outras, — trazidas do Alemtejo pelo Sr. Bernardo Antonio de Sá”²⁴. Esta notícia é bastante interessante, na medida em que não confirma, de todo, o número de cinco exemplares, fornecido pelo condutor de obras públicas, parecendo sugerir o ingresso de um maior número de peças. Por outro lado, estou em crer que o afã centralizador de Leite de Vasconcelos dificilmente se conformaria com o problemático destino das restantes ânforas do depósito. Aparentemente, em Abril e Maio de 1913, Bernardo de Sá voltou a Mértola de onde trouxe mais ânforas, presumivelmente pertencentes ao núcleo que pusera a descoberto nove anos antes, visto não termos qualquer notícia de novos trabalhos ali efectuados. O registo de aquisições do Museu é bastante lacónico, limitando-se a assinalar: “(Abril de 1913) O Sr. Conductor Bernardo de Sá obteve para o Museu, em exploração, os seguintes objectos: uma ânfora de Mértola; ânfora sem gargalo, achada também provavelmente ali” e “(Maio de 1913). O Sr. Bernardo de Sá obteve, numa exploração que fez: uma ânfora de Mértola; outra ânfora de Mértola”²⁵. Provavelmente, a estes materiais dizem respeito as entradas n.ºs 4899, 4900 e 4901 do Livro de Registos do Museu²⁶.

Em suma, excluindo a ânfora recolhida na própria vila de Mértola, junto ao Castelo, por Leite de Vasconcelos²⁷ temos, aparentemente, o registo

²⁴ VASCONCELOS, J. L. — *Aquisições do Museu Ethnológico Português*. “O Archeologo Português”, 10, 1905, p. 44-48, particularmente a p. 46.

²⁵ MACHADO, L. S. — *Aquisições do Museu Ethnológico Português*. “O Archeologo Português”, 24, 1919-1920, p. 241-270, particularmente a p. 242. Numa primeira fase da investigação presumi que, este registo, mais não era que a catalogação tardia dos materiais recolhidos em 1904, especialmente pelo facto de assinalar, também, uma ânfora “sem gargalo”. No entanto, perante os materiais, entre os quais existem seis peças sem colo, sou tentado a pensar que se trata, efectivamente, de novas aquisições. Assinale-se, ainda, que o relatório de aquisições de 1914, da autoria de CHAVES, L. — *Aquisições do Museu Ethnológico Português*. “O Archeologo Português”, 19, 1914, p. 367-71, particularmente a p. 371, refere igualmente uma ânfora de Mértola, trazida para o Museu por Leite de Vasconcelos. No entanto, esta, deve ser a peça recolhida nas imediações do Castelo, portanto na margem direita do Guadiana, pelo director do Museu, em visita que efectuou àquela vila alentejana em data posterior à escavação de Bernardo de Sá, v. VASCONCELOS, J. L. — *Coisas Velhas — 124. Mértola*. “O Archeólogo Português”, 24, 1919-20, p. 231. Não é de excluir, porém, a hipótese de um dos exemplares do Museu, com proveniência atribuída àquela localidade, poder corresponder a esta recolha, visto que não existe, na instituição, mais nenhuma outra peça nestas condições. Se assim for, estamos perante um exemplar de idêntica classificação, mas de diferente contexto, sendo totalmente impossível, com os registos existentes, esclarecer esta questão.

²⁶ Registadas com a data de Abril e Maio de 1913, nas páginas 61 e 62. Assinale-se que estes registos patenteiam alguma hesitação, designadamente o n.º 4901 onde se lê: “Ânfora que creio é de Mertola — deve ser da mesma exploração (de Bernardo de Sá)”, p. 62. Como Leite de Vasconcelos escreveu, por falta de pessoal auxiliar, a secção de catalogação e inventário do Museu registou sempre grandes dificuldades de funcionamento, considerando o seu Director as diversas notícias de aquisições publicadas em “O Archeologo Português” como um verdadeiro inventário preliminar dos fundos da instituição; o que, a meu ver, reforça a ideia das diversas notícias se reportarem a diferentes materiais. Sobre este assunto v. VASCONCELOS, J. L. — *História do Museu Ethnológico Português (1893-1914)*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1915.

²⁷ V. nota 25.

de entrada de, pelo menos, nove ânforas com proveniência atribuída àquela vila alentejana, presumivelmente todas pertencentes ao depósito escavado por Bernardo de Sá em 1904. Sabemos, também, pelo relatório de escavação publicado, que todas as peças se enquadravam nas Classes 5 (Dr. 1-C) e 8 (var. Lamb. 2). Por outro lado, encontram-se depositadas no M.N.A.E. doze ânforas susceptíveis de corresponder aos achados de Mértola, tendo somente duas, ambas pertencentes à Classe 5, a proveniência atribuída àquele local. Desconhece-se, em absoluto, a proveniência de todas as outras.

Perante estes dados e pelas lacunas dos registos existentes, julgo ser impossível afirmar taxativamente que todos os exemplares, adiante apresentados, pertencem ao depósito de Mértola. Porém, pela argumentação aduzida, não é demasiado arriscado afirmar que boa parte delas, se não todas, lhe pertenciam.

CATÁLOGO

1 — Ânforas da Classe 5 (= Dr. 1-C)

MNAE Vol. 1788 (fig. 5)

Ânfora reconstituída, fragmentada, faltando-lhe parte do colo, bordo e as asas. A altura total conservada é de 83,7 cm, o colo tem, na parte conservada, um diâmetro externo de 12,5 cm, o ombro é bem marcado, mas sem inflexão angulosa, com um diâmetro exterior de 25,7 cm. O corpo é fusiforme, com o maior diâmetro junto ao ombro e mede 54,5 cm de altura. O bico é aparentemente maciço, tronco-cónico, medindo entre 12 a 20 cm de altura (a determinação é difícil devido ao restauro). A pasta, apenas observável na superfície externa, tem textura granulosa, com e.n.p. de tipo arenoso, constituídos por quartzos, quartzites e partículas negras, a cor é amarela avermelhada (Mun. 5 YR 6/6). É proveniente de Mértola e constitui, com fortes probabilidades, um dos exemplares recolhidos por B. Sá.

MNAE Vol. 1852 (fig. 5)

Ânfora reconstituída, encontra-se completa e mede 107,7 cm de altura total. O diâmetro exterior do bocal é de 14 cm e o lábio é vertical, com 6,2 cm de altura, apresentando uma ligeira concavidade. O colo é alto, com 31,8 cm de altura, cilíndrico, bicónico, com 12,2 cm de diâmetro externo na parte superior e inferior e 10 cm na zona intermédia. O ombro é pouco marcado e mede 25,7 cm de diâmetro exterior. O corpo é cilíndrico, afinando na ligação com o bico, mede 60 cm de altura e apresenta como medida média de diâmetro exterior 27,3 cm. O bico é cónico e parece medir cerca de 8-10 cm (a determinação exacta é difícil devido ao restauro). As asas medem 26 cm de altura, têm secção ovalada, com 8 cm de largura e 2,8 cm de espessura. A pasta é idêntica à anterior, amarela avermelhada (Mun. 5 YR 6/6). Foi recolhida em Mértola e corresponde certamente aos exemplares trazidos por B. Sá²⁸.

²⁸ Apesar do restauro incorrecto na ligação do fundo ao bico, parece corresponder ao exemplar representado na fig. 2 do relatório de Bernardo de Sá, *op. cit.*, p. 98 (v. nota 3) e fig. 3 do presente texto. Um exemplar muito semelhante a este, provavelmente o mesmo, mas já com o restauro incorrecto no fundo, atribuído a Mértola, figura na obra de VASCONCELOS, J. L. — *op. cit.* p. 19, est. XIV, fig. 98 (v. nota 26).

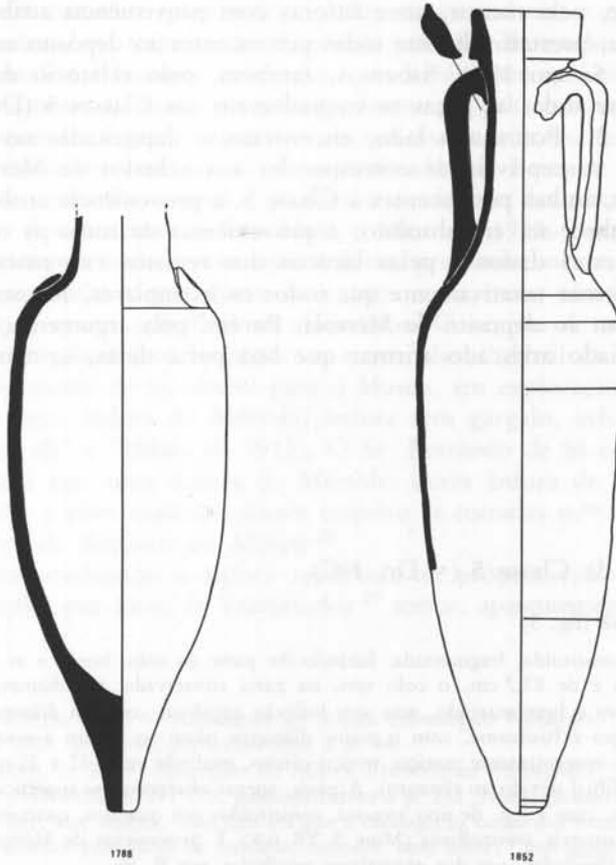


Fig. 5 — Ânforas da Classe 5 (Dressel 1-C) depositadas no M.N.A.E., com proveniência atribuída a Mértola. Esc. 1:10

MNAE Vol. 1787 (fig. 6)

Ânfora reconstituída, fragmentada, faltando-lhe o colo, lábio, asas e parte do bico fundeiro. A altura total conservada é de 87,2 cm. O ombro é pouco marcado e mede 22 cm de diâmetro exterior. O corpo é cilíndrico, afunilando para o fundo, com um diâmetro médio de 26,5 cm e 65,5 cm de altura. A pasta apresenta características e cor idênticas às anteriores. Não tem qualquer indicação de proveniência, poderá pertencer ao conjunto de Mértola...

MNAE Vol. 1790 (fig. 6)

Ânfora reconstituída, fragmentada, faltando-lhe o colo, lábio e asas. A altura total conservada é de 93 cm. O ombro é pouco marcado, com um diâmetro externo de 21,3 cm. O corpo é cilíndrico com uma largura média de 25 cm e 62,9 cm de altura. O bico é maciço, tronco-cónico com cerca de 17-18 cm de altura (a determinação da altura é dificultada pelo restauro). A pasta tem características e cor idênticas às anteriores. Não tem proveniência atribuída, poderá pertencer, igualmente, ao depósito de Mértola...

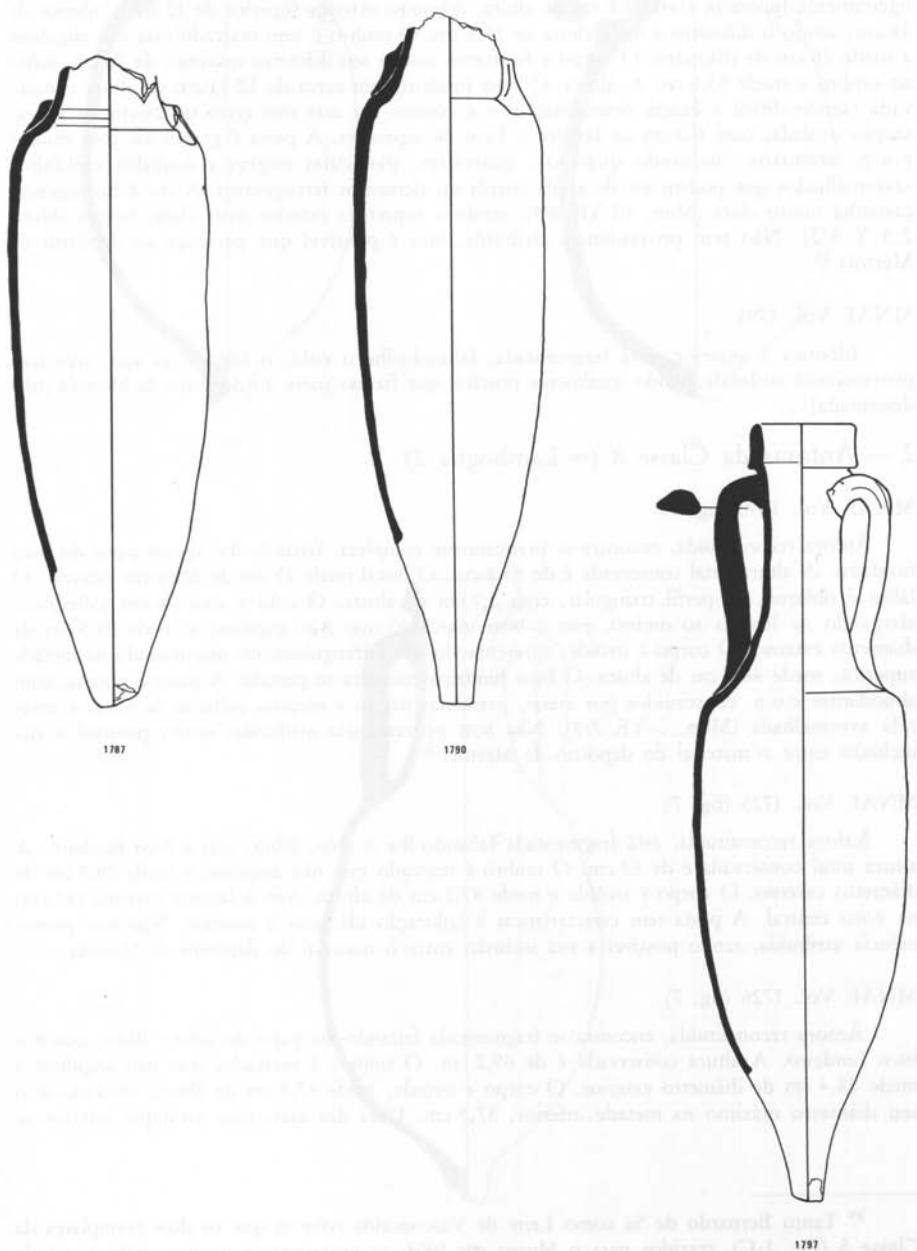


Fig. 6 — Ânforas da Classe 5 (Dressel 1-C) depositadas no M.N.A.E., sem proveniência registada, presumivelmente pertencentes ao depósito de Mértola. Esc. 1:10

MNAE Vol. 1797 (fig. 6)

Ânfora reconstituída, quase completa, faltando-lhe apenas parte do bico fundeiro. A altura total conservada é de 103 cm. O diâmetro do bocal é de 14 cm. O lábio é vertical e alto, com 6,2 cm de altura, apresentando uma ligeira concavidade na face exterior. O colo é alto e ligeiramente bicónico, com 29,8 cm de altura, diâmetro exterior superior de 12 cm e inferior de 14 cm, sendo o diâmetro a meia altura de 10,4 cm. O ombro é bem marcado mas não anguloso e mede 26 cm de diâmetro. O corpo é fusiforme com o seu diâmetro máximo, de 26 cm, junto ao ombro e mede 53,6 cm de altura. O bico fundeiro tem cerca de 12-13 cm de altura conservada (sendo difícil a exacta determinação) e é cónico. As asas têm cerca de 26 cm de altura, secção ovalada, com 6,3 cm de largura e 3 cm de espessura. A pasta é granulosa, com muitos e.n.p. arenosos, incluindo quartzos, quartzites, partículas negras e nódulos castanho-avermelhados que podem ser de argila cozida ou elementos ferruginosos. A cor é homogénea, castanha muito clara (Mun. 10 YR 8/4), sendo a superfície exterior mais clara, branca (Mun. 2.5 Y 8/2). Não tem proveniência atribuída, mas é possível que pertença ao depósito de Mértola ²⁹.

MNAE Vol. 1798

Idêntica à anterior, está fragmentada, faltando-lhe o colo, o lábio e as asas, não tem proveniência atribuída, sendo igualmente possível que fizesse parte do depósito de Mértola (não desenhada)...

2 — Ânforas da Classe 8 (= Lamboglia 2)

MNAE Vol. 1690 (fig. 7)

Ânfora reconstituída, encontra-se praticamente completa, faltando-lhe apenas parte do bico fundeiro. A altura total conservada é de 83,8 cm. O bocal mede 15 cm de diâmetro externo. O lábio é oblíquo, de perfil triangular, com 3,7 cm de altura. O colo é alto, 26 cm, cilíndrico, alargando na ligação ao ombro, este é bem marcado, mas não anguloso e mede 29,5 cm de diâmetro externo. O corpo é ovóide, apresentando um estrangulamento pronunciado na metade superior, mede 46,7 cm de altura. O bico fundeiro encontra-se partido. A pasta é porosa, com abundantes e.n.p. constituídos por areias, partículas negras e escassas palhetas de mica, é amarela avermelhada (Mun. 5 YR 7/8). Não tem proveniência atribuída, sendo possível a sua inclusão entre o material do depósito de Mértola ³⁰.

MNAE Vol. 1725 (fig. 7)

Ânfora reconstituída, está fragmentada faltando-lhe o colo, lábio, asas e bico fundeiro. A altura total conservada é de 62 cm. O ombro é marcado mas não anguloso e mede 29,7 cm de diâmetro externo. O corpo é ovóide e mede 47,2 cm de altura, com a largura máxima (37 cm) na zona central. A pasta tem características e coloração idênticas à anterior. Não tem proveniência atribuída, sendo possível a sua inclusão entre o material do depósito de Mértola.

MNAE Vol. 1726 (fig. 7)

Ânfora reconstituída, encontra-se fragmentada faltando-lhe parte do colo e lábio, asas e o bico fundeiro. A altura conservada é de 69,2 cm. O ombro é marcado, mas não anguloso e mede 28,4 cm de diâmetro exterior. O corpo é ovóide, mede 47,5 cm de altura, situando-se o seu diâmetro máximo na metade inferior, 37,3 cm. Uma das asas, cujo arranque inferior se

²⁹ Tanto Bernardo de Sá como Leite de Vasconcelos referem que os dois exemplares da Classe 5 (Dr. 1-C), trazidos para o Museu em 1904, se encontravam inteiros, pelo que é de presumir ser este um deles.

³⁰ Parece corresponder ao exemplar representado na fig. 3 do relatório de Bernardo de Sá — *op. cit.*, p. 99 (v. nota 3), v. fig. 4 do presente trabalho.

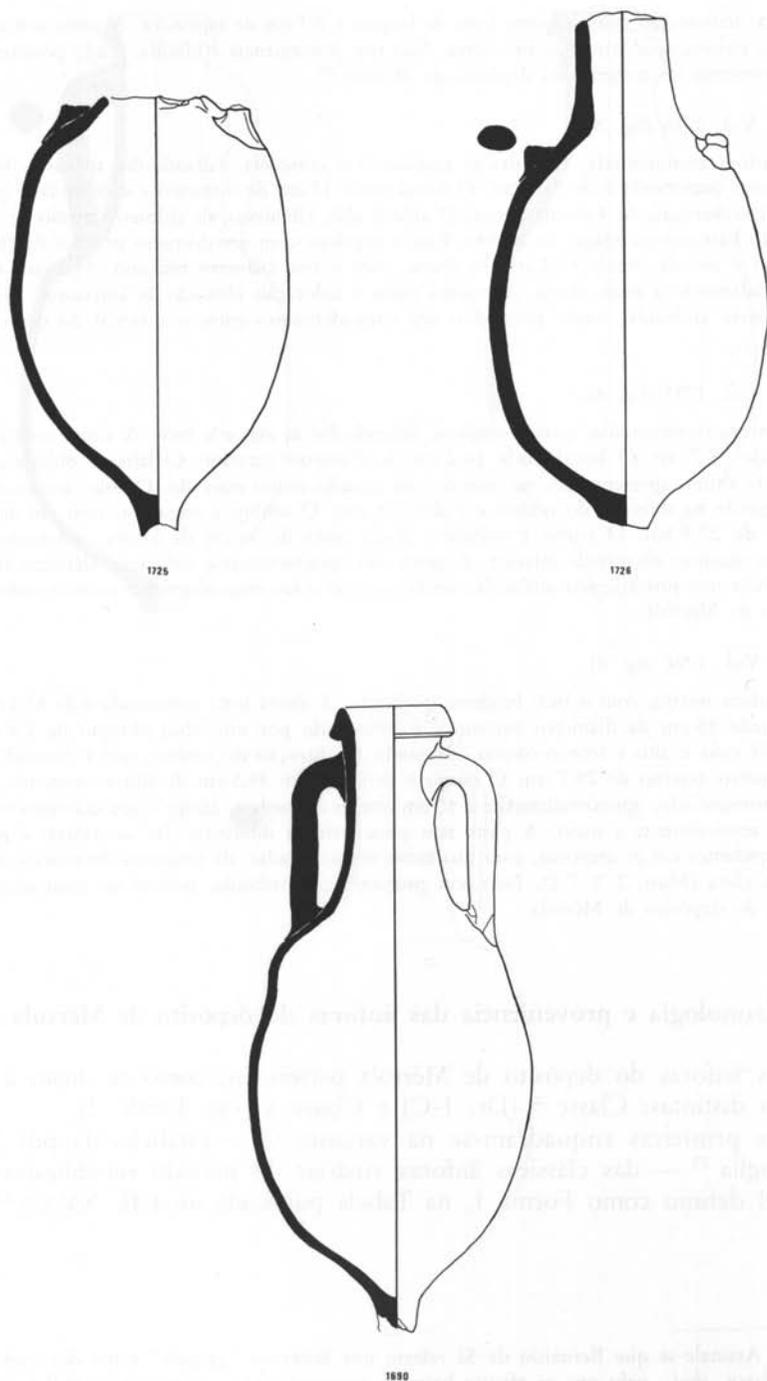


Fig. 7 — Ânforas da Classe 8 (variante Lamboglia 2) depositadas no M.N.A.E., sem proveniência atribuída, presumivelmente pertencentes ao depósito de Mértola. Esc. 1:10

conserva, tem secção ovalada, com 5 cm de largura e 2,7 cm de espessura. A pasta tem características e coloração idênticas às anteriores. Não tem proveniência atribuída, sendo possível o seu enquadramento no material do depósito de Mértola ³¹.

MNAE Vol. 1786 (fig. 8)

Ânfora reconstituída, encontra-se praticamente completa, faltando-lhe apenas o bico. A altura total conservada é de 71,5 cm. O bocal mede 13 cm de diâmetro e é delimitado por um lábio quase vertical, de 4 cm de altura. O colo é alto, cilíndrico, de diâmetro médio de 11 cm, alargando bastante na ligação ao ombro. Este é anguloso com um diâmetro exterior de 28,6 cm. O corpo é ovóide, mede 41,2 cm de altura, com o seu diâmetro máximo (36,2 cm) situado aproximadamente a meia altura. Apresenta pasta e coloração idênticas às anteriores. Não tem proveniência atribuída, sendo possível o seu enquadramento entre o material do depósito de Mértola...

MNAE Vol. 1791 (fig. 8)

Ânfora reconstituída, quase completa, faltando-lhe as asas e o bico. A altura total conservada é de 78,7 cm. O bocal mede 14,2 cm de diâmetro exterior. O lábio é oblíquo, mede 2,5 cm de altura, apresentando, no interior, um ressalto muito marcado. O colo, tronco-cónico, vai alargando na direcção do ombro e é alto (25 cm). O ombro é anguloso, com um diâmetro externo de 27,9 cm. O corpo é ovóide e mede cerca de 36 cm de altura, apresentando o diâmetro máximo na metade inferior. A pasta tem características e coloração idênticas às anteriores. Não tem proveniência atribuída, sendo possível o seu enquadramento entre o material do depósito de Mértola...

MNAE Vol. 1794 (fig. 8)

Ânfora inteira, com o bico fundeiro quebrado. A altura total conservada é de 81,1 cm. O bocal mede 15 cm de diâmetro externo e é delimitado por um lábio oblíquo de 2,8 cm de altura. O colo é alto e tronco-cónico, alargando na direcção do ombro, que é marcado, com um diâmetro externo de 29,7 cm. O corpo é ovóide, com 39,5 cm de altura, com um alargamento pronunciado, aproximadamente a 10 cm abaixo do ombro, atinge o seu diâmetro máximo (38 cm) sensivelmente a meio. A pasta tem características diferentes das anteriores: é porosa, com abundantes e.n.p. arenosos, com quartzites muito roladas, de pequenas dimensões; a cor é cinzenta clara (Mun. 2 Y 7/2). Não tem proveniência atribuída, poderá ser enquadrável no material do depósito de Mértola.

3.1. Cronologia e proveniência das ânforas do depósito de Mértola

As ânforas do depósito de Mértola pertencem, como se disse, a duas Classes distintas: Classe 5 (Dr. 1-C) e Classe 8 (var. Lamb. 2).

As primeiras enquadram-se na variante C — estabelecida por Nino Lamboglia ³² — das clássicas ânforas vinárias do período republicano, que Dressel definiu como Forma 1, na Tabela publicada no CIL XV (2) ³³. As

³¹ Assinale-se que Bernardo de Sá referiu que faltava o "gargalo" a um dos exemplares desta Classe, *ibid.*, pelo que se afigura bastante provável poder, este ou o exemplar anteriormente descrito, corresponder à peça recolhida em Mértola e trazida para o Museu em 1904.

³² LAMBOGLIA — *op. cit.* (v. nota 14).

³³ V. nota 14.

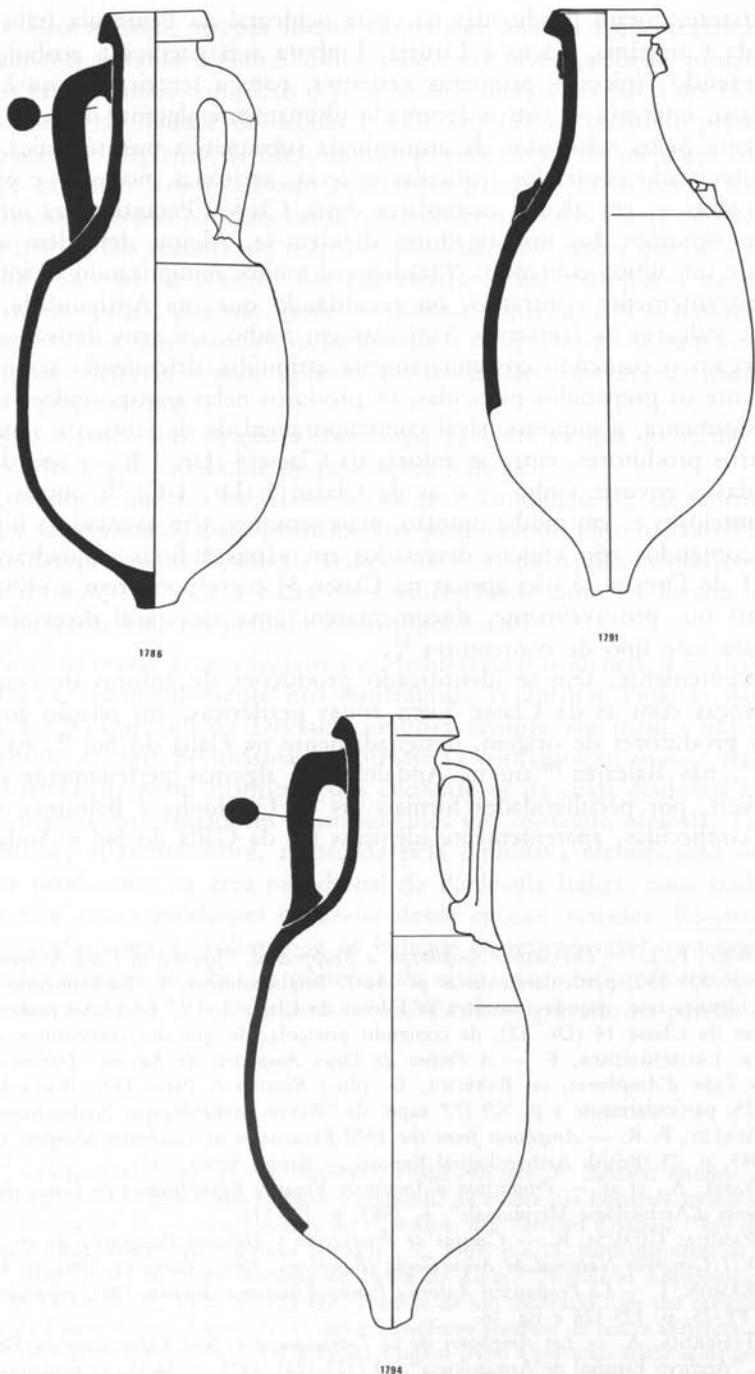


Fig. 8 — Ânforas da Classe 8 (variante Lamboglia 2) depositadas no M.N.A.E., sem proveniência atribuída, presumivelmente pertencentes ao depósito de Mértola. Esc. 1:10

três variantes foram produzidas na costa ocidental da Península Itálica, nas zonas da Campânia, Lácio e Etrúria. Embora seja pacífica a atribuição de um conteúdo vínicco às primeiras variantes, para a terceira — aquela que, neste caso, interessa — têm-se levantado ultimamente algumas dúvidas, particularmente pelos resultados da arqueologia subaquática mediterrânica, onde se têm registado conteúdos frutícolas — uvas, azeitonas, nozes — e piscícolas — ostras — em alguns exemplares desta Classe. Perante estas informações, as opiniões dos investigadores dividem-se. Alguns defendem a existência de um único conteúdo: o tradicional vinho, minimizando as informações aparentemente contrárias, ou recordando que, na Antiguidade, eram bastante vulgares as conservas frutícolas em vinho, ou seus derivados; outros, negam o conteúdo costumeiramente atribuído, defendendo serem provavelmente os preparados piscícolas, os produtos nelas transportados, alegando, basicamente, a inquestionável contemporaneidade de fabrico e similitude de centros produtores, entre as ânforas da Classe 4 (Dr. 1-B) — sem dúvida, destinadas a envasar vinho — e as da Classe 5 (Dr. 1-C)³⁴; outros, ainda mais cautelosos e, em minha opinião, mais sensatos, têm aventado a hipótese de os conteúdos não vínicos detectados em várias ânforas enquadráveis na forma 1 de Dressel (e não apenas na Classe 5) corresponderem a utilizações eventuais ou, provavelmente, documentarem uma apreciável diversidade de usos para este tipo de contentores³⁵.

Recentemente, têm-se identificado produções de ânforas de evidentes semelhanças com as da Classe 5 em zonas periféricas, em relação aos seus centros produtores de origem, designadamente na Gália do Sul³⁶, na Catalunha³⁷, nas Baleares³⁸ ou na Andaluzia³⁹, algumas perfeitamente individualizáveis, por peculiaridades formais (as da Catalunha e Baleares) outras, menos conhecidas, aparentemente idênticas (as da Gália do Sul e Andaluzia)

³⁴ WILL, E. L. — *The Sestius Amphoras: a Reappraisal*. "Journal of Field Archaeology", 6, 1979, p. 339-350, particularmente as p. 346-7. Implicitamente, F. Laubenheimer parece defender idêntica tese, quando considera as ânforas da Classe 5 (Dr. 1-C) mais próximas dos exemplares da Classe 14 (Dr. 12), de conteúdo piscícola, do que dos contentores vinários itálicos, v. LAUBENHEIMER, F. — *A Propos de Deux Amphores de Ruscino: Définition d'un Nouveau Type d'Amphores*, in: BARROUL, G. (dir.) *Ruscino I*, Paris, Diff. Boccard, 1980, p. 303-325, particularmente a p. 309 (7.º supp. de "Revue Archéologique Narbonnaise").

³⁵ SEALEY, P. R. — *Amphoras from the 1970 Excavation at Colchester Sheepen*. Oxford, BAR, 1985, p. 25 (British Archaeological Reports — British Series, 142).

³⁶ SABIR, A., et al. — *Production d'Amphores Vinaires Républicaines en Gaule du Sud ?* "Documents d'Archéologie Méridionale", 6, 1983, p. 103-113.

³⁷ PASCUAL GUASCH, R. — *Centros de Producción y Difusión Geográfica de un Tipo de Anfora*, VII Congreso Nacional de Arqueología (Barcelona, 1960), Zaragoza, 1962, p. 334-345.

³⁸ RAMON, J. — *La Producción Anforica Punico-Ebusitana*. Eivissa, 1981, especialmente o seu tipo PE-25, p. 125-126 e fig. 16.

³⁹ TCHERNIA, A. — *Les Amphores de la Tarraconaise et leur Exportation au Début de l'Empire*. "Archivo Español de Arqueología", 44 (123-124), 1971, p. 38-85, particularmente um colo proveniente do forno de Riconcillo, Algeciras, Cádiz, p. 56-7 e fig. 13; e DOMERGUE, C. — *Belo I. La Stratigraphie*, Paris, 1973, p. 111-112 (Publications de la Casa Velasquez, Série Archéologique, 1).

e, por isso mesmo, apenas identificáveis por análise arqueométrica o que naturalmente levanta algumas dificuldades aos investigadores, tornando, ao mesmo tempo, mais complexo o panorama comercial da bacia do Mediterrâneo na segunda metade do século I a.C. Embora os (certos e presumidos) exemplares do depósito de Mértola não se encontrem nas melhores condições para se proceder a um correcto exame das pastas — estão restaurados, não permitindo, excepto em dois casos, uma observação das zonas de fractura — e este tenha sido meramente macroscópico, não me parece que as características das mesmas se afastem das patenteadas pelos exemplares de proveniência itálica. Julgo, por isto, poder-se afirmar, embora com as naturais reservas decorrentes dos condicionamentos do exame efectuado, tratarem-se de exportações daquela região. Quanto aos conteúdos, obviamente nada de seguro se pode afirmar.

Não oferece contestação a cronologia de entre os fins do século II e os meados do I a.C. atribuída às produções itálicas.

Quanto às ânforas da Classe 8 (variante Lamboglia 2), igualmente estudadas e classificadas, pela primeira vez pelo investigador italiano ⁴⁰, foram produzidas no sul da Península Itálica, na zona da Apúlia, tendo conhecido ampla difusão em toda a bacia do Mediterrâneo, tanto na metade oriental como na ocidental, no período tardo-republicano.

Nos contextos arqueológicos do Mediterrâneo ocidental, a sua constante associação, designadamente nos naufrágios, às ânforas vinárias das Classes 3, 4 e 5 (Forma 1 de Dressel), embora sempre em menor quantidade, bem como as suas peculiaridades formais (a configuração ovóide do corpo, bem distinta do perfil fusiforme dos contentores da costa ocidental italiana), levou diversos investigadores a atribuir-lhes um conteúdo oleícola. Tal hipótese viu-se, aparentemente, reforçada pela definitiva identificação dos seus centros produtores na área meridional da Península Itálica, zona tradicionalmente tida como produtora de azeite desde épocas recuadas. Recentemente, porém, começaram a avolumar-se os indícios de um provável conteúdo vínico para estas ânforas, a saber: a presença de resina no interior de muitos exemplares desta Classe ⁴¹, um grafito — *VINIAM* — gravado na parede de uma

⁴⁰ LAMBOGLIA — *op. cit.* (v. nota 14). Posteriormente, P. Baldacci estudou, de novo, estas ânforas fixando-lhes a proveniência meridional, na esteira das hipóteses levantadas por F. Zevi, v. BALDACCI, P. — *Alcuni Aspetti dei Commerci neli Territori Cisalpini*. "Atti del Centro di Studi e Documentazione sull'Italia Romana", 1, 1969, p.6-50, particularmente as p. 12-13.

⁴¹ MAS, J. — *La Nave Romana de Punta de Algas*. "Noticiário Arqueológico Hispánico", 13-14 (1969-70), 1971, p. 402-427. Trata-se de um naufrágio com um carregamento de ânforas da Classe 8 (var. Lamb. 2). O autor identificou resíduos de resina aderentes às paredes internas de muitos exemplares destas ânforas, o que o levou a presumir tratar-se de um carregamento desse produto. Tal hipótese afigura-se pouco provável, em meu entender, considerando a abundância de árvores do género *pinus* existente na Península Ibérica. Refira-se que, na Antiguidade, a resina era utilizada no revestimento interno das ânforas vinárias com um duplo objectivo: impermeabilizar o contentor e aromatizar o conteúdo.

destas ânforas ⁴², a análise de um resíduo conservado no interior de um destes contentores recolhido entre o carregamento do naufrágio de “La Madrague des Giens” (Var) ⁴³. Tudo indica, portanto, que também as ânforas da Classe 8 transportavam vinho, visto não possuir, para além do mais, qualquer fundamento efectivo a hipótese de um conteúdo de outra natureza.

Os contentores desta Classe não parecem ter conhecido imitações em outras zonas, embora se admita ter exercido, a sua peculiar morfologia, forte influência na forma de algumas das mais antigas produções anfóricas, de âmbito romano, da Península Ibérica ⁴⁴.

Parece pacífica, igualmente, a cronologia de entre o século II e os meados do século I a.C. para o seu fabrico, admitindo-se constituir o naufrágio de “Planier”, datado de cerca de 50 a.C., o mais recente vestígio de exportação destas ânforas ⁴⁵.

Como se pode ver, possuem as duas Classes de ânforas presentes no depósito de Mértola contemporaneidade de fabrico e, embora tenham sido produzidas em zonas diferentes da Península Itálica, foram frequentemente exportadas para o Ocidente nos mesmos navios ⁴⁶, pertencendo portanto, a um mesmo fluxo comercial, típico do período tardo-republicano.

3.2. A importância do depósito de ânforas de Mértola

Seguramente desde tempos anteriores à conquista romana, a cidade de *Myrtilis* foi importante centro regional, certamente por constituir natural porto de exportação das riquezas minerais do Baixo Alentejo (S. Domingos,

⁴² BALDACCI, P. — *Le Principali Correnti del Commercio di Anfore Romane nella Cisalpina. Importazioni ed Esportazioni Alimentari nella Pianura Padana Centrale del III sec. a.C. al II d.C.*, in: *I Problemi della Ceramica Romana di Ravenna, della Valle Padana e dell'Alto Adriatico*, Bologna, Arnaldo Forni Ed., 1972, p. 103-131, particularmente o *Appendice IV*, p. 128 e fig. 29.

⁴³ FORMENTI, F., et al. — *Une Amphore “Lamboglia 2” Contenant du Vin dans l'Épave de la Madrague des Giens*. “*Archaeonautica*”, 2, 1978, p. 95-100. Idêntica observação parece ter-se efectuado, posteriormente, em ânforas desta Classe recolhidas num naufrágio da zona da Apúlia, v. FRESHI, A. — *Il Relitto “A” delle Tre Senghe (Isola Tremiti) — Campagna di Scavo 1981 — Relazione Preliminare*. Roma, 1982, p. 89-100, particularmente a p. 92 (Sup. 4 de “*Bolletino d'Arte*”).

⁴⁴ CHIC GARCIA, G. — *Aspectos Económicos de la Política de Augusto en la Betica*. “*Habis*”, 16, 1985, p. 277-293, particularmente as p. 284-6.

⁴⁵ TCHERNIA, A. — *Quelques Remarques sur le Commerce du Vin et les Amphores*, in: d' ARMS, J. H.; KOPFF, E. C. (dir.) — *The Seaborne Commerce of Ancient Rome: Studies in Archaeology and History*. 1980, p. 305-312, particularmente a p. 305 (Memoirs of the American Academy in Rome, 36).

⁴⁶ Cite-se, apenas a título de exemplo, o naufrágio de La Cavalière, v. CHARLIN — *op. cit.* (v. nota 21) e o de Colonia de Sant Jordi, Maiorca, v. CERDA JUAN, D. — *La Nave Romano-Republicana de la Colonia Sant Jordi ses Salines — Mallorca*. Palma de Mallorca, 1980.

Neves-Corvo, Vipasca) e, provavelmente, de paragens mais longínquas ⁴⁷. Pelos vestígios identificados, quer nas regiões interiores que lhe são adjacentes (actuais concelhos de Ourique, Almodôvar, Mértola, entre outros), quer pelos do Baixo Guadiana (Castro Marim), é de supor que se encontrava integrada na vasta rede mediterrânica de intercâmbios e relações comerciais, embora não se tenham recolhido até à data, ao que se sabe, vestígios concretos desse enquadramento.

É plausível situar nos inícios do século II a.C. os começos da Romanização da cidade, perturbada, é certo, pelos acontecimentos das guerras lusitanas de 155 a 138 a.C. Não sabemos qual terá sido a importância, ou o papel que desempenhou nesta primeira fase da Romanização, não é de excluir, no entanto, que ao seu papel de centro exportador, se tenha acrescentado a função de núcleo de apoio e abastecimento às incursões militares para a Meseta, promovidas pelos romanos ao longo da segunda metade do século II a.C. ⁴⁸, visto constituir um privilegiado porto interior. É interessante assinalar que num importante estabelecimento militar, implantado junto a Cáceres presumivelmente nos inícios do século I a.C., o acampamento de Cáceres el Viejo, se recolheram exemplares de ânforas das Classes 5 e 8 ⁴⁹, idênticas às do depósito de Mértola.

No início das guerras de Sertório, *L. Appuleius Decianus*, questor de *M. Perpenna*, cunhou moeda na cidade de *Myrtilis*, no ano de 83 ou 82 a.C. ⁵⁰. A importância deste aglomerado urbano não esmoreceu nas décadas seguintes e, provavelmente em 44 a.C., Júlio César elevou-o à categoria de Município, atribuindo-lhe o *Ius Latium Vetus* ⁵¹.

Foi neste período, compreendido entre os meados do século II e os meados do I a.C., sem dúvida relevante para a existência da antiga cidade, que se efectuaram as importações de bens alimentares, provavelmente vinho, de procedência itálica, transportados nas ânforas constituintes do depósito que apresentei.

Mértola não deixou nunca de ser habitada. Foi próspera no período romano imperial, prolongando-se a sua relevância pelo baixo império e período visigótico. Sob a égide muçulmana continuou a ser um notório centro

⁴⁷ ALARCÃO, J. — *Sobre a Romanização do Alentejo e Algarve — A propósito de uma obra de José d'Encarnação*. "Arqueologia", II, 1985, p. 99-111, particularmente a p. 102.

⁴⁸ As fontes literárias clássicas registaram uma incursão do cônsul Licínio Lúculo ao território dos Vaceus em 151 a.C. e outra, à mesma região, do cônsul Emílio Lépido em 137-136 a.C., v. SCHULTEN, A. (ed. e com.) — *Fontes Hispaniae Antiquae*, IV, Barcelona, 1937, respectivamente as p. 26-7 e 54.

⁴⁹ ULBERT, G. — *Cáceres el Viejo. Ein Spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*. Mainz am Rhein, 1984, particularmente as p. 182-5, 251-3 e Taf. 51-3 (Madriдер Beiträge, II).

⁵⁰ CRAWFORD, M. H. — *Coinage and Money under the Roman Republic*, London, Methuen, 1985, p. 341.

⁵¹ ALARCÃO — *op. cit.*, p. 101-2 (v. nota 47).

regional. Esta continuidade ocupacional, de que se conhecem importantes vestígios, tem centrado a atenção dos arqueólogos, desde há longa data, no estudo do seu passado romano imperial⁵² e, na última década, na recuperação dos indícios da presença islâmica⁵³, ficando encobertos por aqueles e relegados para um segundo plano os mais antigos vestígios da antiguidade local. Não fora as menções existentes nas fontes literárias clássicas e, principalmente, o conhecimento, já antigo, das suas emissões monetárias, pouco ou nada permitiria documentar a ocupação romana no sítio em períodos anteriores ao século I d.C.

É, portanto, por constituir um dos poucos indícios conhecidos — juntamente com as citadas moedas e uma glande de chumbo, curiosamente recolhida, também, na margem esquerda do Guadiana, em frente à actual vila⁵⁴ — da importante presença romana, no período republicano, na antiga cidade de *Myrtilis*, que o depósito escavado por Bernardo de Sá adquire particular relevância. Resta aguardar que as escavações actualmente em curso naquela vila alentejana tragam mais luz sobre esta época tão importante e, ainda, tão pouco conhecida da Romanização do actual território português.

⁵² O conhecimento de vestígios de época romana, imperial, em Mértola, remonta ao século XVI, altura em que se recolheram, na vila, estátuas que, depois de longa permanência na posse de particulares, deram entrada no Museu Ethnológico, v. VASCONCELOS, J. L. — *Dois Estátuas Romanas*. "O Archeologo Português", 7, 1902, p. 100-101. Foi, também, precoce a publicação da primeira monografia arqueológica local, deveu-se a Estácio da Veiga e registou um numeroso acervo de vestígios encontrados na vila e seus arredores, todos respeitantes à margem direita do Guadiana, v. VEIGA, S. P. M. E. — *Memórias das Antiguidades de Mértola*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1880. Depois desta, inúmeros foram os estudos publicados sobre os vestígios arqueológicos locais, de índole geral, como os de Leite de Vasconcelos e C. F. Alves; ou mais específicos, como os de Abel Viana, Jorge Alarcão ou José d'Encarnação, para só citar alguns...

Poderia citar-se, ainda, como elementos que, desde sempre, fixaram a atenção dos arqueólogos que se têm debruçado sobre esta zona, as questões relativas à cronologia e interpretação funcional da célebre Ponte-Cais, ou a importante colecção epigráfica paleocristã.

⁵³ Embora já Estácio da Veiga e, depois dele, outros autores tivessem referido os vestígios da presença islâmica em Mértola, foi principalmente nos últimos anos, com os trabalhos de Cláudio Torres, que estes vestígios foram particularmente valorizados, v. TORRES, C. — *Mértola: O Castelo, Arqueologia e ... Sonhos*. "História e Sociedade", 4/5, 1979, p. 35-40 e ID. — *A Alcáçova de Mértola. História e Arqueologia Urbana*. "Arqueologia", 6, 1982, p. 86-95.

⁵⁴ VASCONCELOS, J. L. — *Aquisições do Museu Ethnographico Português*. "O Archeologo Português", 2, 1896, p. 158-160, particularmente a p. 158 e ID. — *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1913, p. 183.